

Misticismo e religiosidade nos romances policiais contemporâneos: a transgressão do gênero

(Mysticisme et dévotion dans les romans policiers contemporains: la transgression du genre)

Fernanda Massi¹

¹Faculdade de Ciências e Letras (FCL) – Universidade Estadual Paulista (UNESP)/FAPESP

massi@fclar.unesp.br

Résumé: Cet article analyse quatre romans policiers contemporains qui ont intégré la thématique “mysticisme et dévotion” dans ses narratives et ont modifié la structure du genre policier. Notre objectif est vérifier les altérations plus significatives et ses conséquences pour le genre policier, caractérisé pour une structure impénétrable et prévisible.

Mots-clés: roman policier; mysticisme; religion.

Resumo: Este trabalho analisa quatro romances policiais contemporâneos que incorporaram a temática “misticismo e religiosidade” em seus enredos, modificando a estrutura do gênero policial. Nosso objetivo é verificar quais foram as alterações significativas e suas consequências para o gênero, que se caracteriza por uma estrutura impenetrável e previsível.

Palavras-chave: romance policial; misticismo; religião.

O romance policial tradicional

Em trabalho recentemente concluído (MASSI, 2010), analisamos os romances policiais mais vendidos no Brasil no período de 2000 a 2007 partindo da análise semiótica, de base greimasiana, dos elementos constitutivos da narrativa policial, dando especial atenção aos percursos narrativos dos sujeitos do fazer *detetive* e *criminoso*. Tendo como parâmetro para a narrativa policial o modelo criado por Edgar Allan Poe no século XIX (POE, 2000) e seguido por diversos autores propagadores do romance policial tradicional durante muitas décadas – dentre eles Agatha Christie, Arthur Conan Doyle, George Simenon – estabelecemos as principais diferenças entre os romances policiais tradicionais e os romances policiais contemporâneos, que foram significativas para alterar o gênero policial.

O que caracteriza uma narrativa policial, seja ela conto ou romance, é a presença indispensável de três elementos: o crime (criminoso), a vítima e a investigação (detetive), que existem um em função do outro, ou seja, só há vítima se houver criminoso e só há detetive se houver crime, cujo autor é desconhecido. Quando o crime é descoberto, o detetive é acionado – por alguém próximo à vítima – para encontrar o criminoso e entregá-lo à justiça ou à polícia, que serão responsáveis por sua punição. Essa busca da identidade do criminoso na narrativa policial deve ser infalível, já que seu mau funcionamento pode acarretar complicações ao enredo. Por exemplo, enquanto o detetive não encontrar a identidade do criminoso, este pode continuar realizando os crimes a fim de alcançar um objeto valor ou apenas para continuar mantendo sua identidade oculta. Se ao final do romance o detetive não conseguir entregar o criminoso a um destinador-julgador, sua presença no enredo terá perdido o sentido, já que ele não foi capaz de cumprir o que lhe

foi determinado. Em geral, o criminoso e o detetive realizam os programas narrativos da competência e performance, estabelecidos pelo esquema narrativo canônico (GREIMAS, 1973), paralelamente, e seus percursos se cruzam quando o detetive realiza sua performance, sancionando negativamente o criminoso.

Nos romances policiais tradicionais a investigação do detetive se centra, exclusivamente, na busca da identidade do criminoso e é esse o foco do enredo, sobre o qual se desenvolve a ação de todos os personagens. Nos chamados “romances policiais contemporâneos”, por sua vez, o crime nem sempre é o estopim do enredo e o fazer do detetive não se centra apenas na descoberta da identidade do criminoso, já que não é esse o único segredo da narrativa. Muitas vezes, o crime só serve de estímulo para que haja outro mistério a ser descoberto pelo detetive, ou seja, outras investigações a serem realizadas.

A análise aprofundada dos vinte e dois romances policiais de nosso *corpus* de pesquisa permitiu-nos destacar tanto características pertencentes aos romances policiais tradicionais e que foram mantidas nos romances policiais contemporâneos, quanto as que se apresentaram como inovadoras na narrativa policial. A partir de tal análise, estabelecemos três “categorias temáticas”, com características peculiares, e as nomeamos de acordo com as temáticas que prevalecem no enredo, as quais denominamos de “misticismo e religiosidade”, “temáticas sociais” e “*thrillers*”. Tendo em vista que o *thriller* não é caracterizado apenas como temática, mas sim como um subgênero do romance policial (FIORIN, 1990), que sempre existiu, acreditamos que o fortalecimento das características inerentes aos romances policiais contemporâneos da temática “misticismo e religiosidade” – exemplificados neste artigo – fará o mesmo com esse tipo de narrativa, ou seja, pode torná-la um subgênero do romance policial devido ao grande sucesso que vem atingindo.

O romance policial contemporâneo

Nos romances policiais místicos e religiosos analisados neste trabalho, os crimes são cometidos em função de questões coletivas – entre elas, destaca-se a religião – ao contrário do que ocorre em muitos dos romances policiais tradicionais, nos quais os criminosos agem em função de desejos pessoais. Na narrativa policial, os valores individuais não têm espaço no enredo, sendo por isso que o detetive trabalha em função do restabelecimento da ordem social, ou seja, ele luta pelos valores da coletividade, impedindo o criminoso de vencer, porque este agiu de forma egoísta.

Em virtude dessa e de outras alterações, que não só descaracterizam o gênero policial, como também alteram sua configuração e estabelecem um novo modelo de narrativa, o foco do enredo nos romances policiais contemporâneos e o objeto de busca da investigação, realizada pelo detetive, envolvem algum segredo místico ou religioso que precisa ser revelado para a sociedade. Para isso, é necessário que o detetive desvende outro enigma, seja ele um código numérico ou alfabético, uma nova terra, um tesouro, uma biblioteca secreta, etc. O crime nesse tipo de texto está diretamente relacionado à temática “misticismo e religiosidade”, já que esses elementos constituem sua causa e são, também, o mote da investigação a ser realizada pelo detetive.

O narrador dos romances policiais contemporâneos direciona a narrativa para o desenrolar dos acontecimentos decorrentes do crime de um modo que o próprio leitor não se preocupa mais, e exclusivamente, em descobrir quem é o criminoso, como fazia

ao ler um romance policial tradicional, mas sim em entender os motivos religiosos que manipularam esse sujeito a realizar sua performance. Assim, os romances policiais contemporâneos que incorporaram a temática “misticismo e religiosidade” ampliaram as características da narrativa policial mostrando que é possível abordar questões místicas e religiosas mesmo em um enredo que deveria focar apenas a descoberta da identidade de um criminoso.

Os crimes realizados nos romances policiais da categoria temática “misticismo e religiosidade” têm um motivo coletivo que envolve uma religião ou seita religiosa, como já foi dito anteriormente, e todo o suspense típico do romance policial tradicional recai, nos romances místicos e religiosos, sobre um misticismo proveniente dos segredos que uma determinada instituição religiosa acoberta. Em virtude de os motivos serem coletivos, suas consequências envolvem um grupo maior de pessoas, aumentando a dificuldade do detetive na busca pela verdade, que é encoberta e protegida não apenas pelo criminoso, mas também pelos adeptos daquela religião ou doutrina.

Em consequência dessa diluição da estrutura clássica do romance policial, os criminosos, geralmente, não são punidos, uma vez que os detetives não os entregam a um destinador-julgador, responsável pela sanção negativa desses sujeitos (BARROS, 2005), como deveria ocorrer em uma narrativa policial. Em alguns romances, eles recebem uma punição ocasional, dando a impressão de que uma “força divina” está atuando sobre a vida deles.

Misticismo e religiosidade nos romances policiais contemporâneos

Acompanhamos a evolução da narrativa policial, com a inserção da temática “misticismo e religiosidade” no período de 1980 a 2007, a partir das listas dos livros mais vendidos no Brasil, publicadas no *Jornal do Brasil*. Nosso objetivo foi verificar de que forma e em que medida essa temática ganhou espaço no romance policial e quais foram as consequências ao gênero. Neste trabalho selecionamos apenas cinco romances policiais do período estabelecido. São eles:

Quadro 1 – Corpus deste trabalho

ROMANCE	AUTOR	ANO
<i>O nome da Rosa</i>	Umberto Eco	1980
<i>O código Da Vinci</i>	Dan Brown	2004
<i>Os crimes do mosaico</i>	Giulio Leoni	2005
<i>O último templário</i>	Raymond Khoury	2006
<i>Anjos e demônios</i>	Dan Brown	2007

O misticismo se faz presente na sociedade contemporânea de maneira significativa, como pode ser observado em *best-sellers* de autoajuda, nas inúmeras religiões que são criadas frequentemente, no crescimento de religiões já existentes devido ao aumento do número de fiéis, etc. Neste trabalho, porém, não estudamos o misticismo como fenômeno literário ou modismo, muito menos como tendência social. O que fizemos foi analisar a maneira como a temática “misticismo e religiosidade” se incorporou à narrativa policial, que é um gênero pouco favorável ao desenvolvimento, no enredo, de outras questões que não envolvam o crime e a investigação sobre a identidade secreta do criminoso. Mostramos

que a temática “misticismo e religiosidade”, típica da contemporaneidade, encontrou uma forma de se adaptar ao romance policial e não o contrário.

O crime nos romances policiais contemporâneos não é caracterizado, somente, por um assassinato, como ocorria na narrativa policial tradicional. Também é um crime o fato de uma instituição religiosa se manter com base em uma mentira, relacionada a uma visão conspiratória da história. Como o objetivo do detetive é revelar a verdade, ele busca descobrir o segredo encoberto pela religião ou pelo misticismo que envolve o crime. Geralmente, o assassinato tem como vítima o sujeito que poderia revelar o segredo protegido pelo criminoso, sendo essa a causa do crime. Contudo, há sempre rastros do assassino que permitem aos detetives descobrir quem ele é e o que mantinha em segredo.

Buscamos as definições de “misticismo” e “religião” em dicionários de filosofia e da língua portuguesa, a fim de verificar como eles são desenvolvidos na narrativa policial.

Segundo o *Pequeno Vocabulário da língua filosófica* (CUVILLIER, 1969, p. 104):

Misticismo – Psico. ≠ **1.** Estado psíquico no qual o sujeito tem o sentimento de entrar em relação direta com Deus [...] – Hist. Δ **2.** Doutrina baseada mais no sentimento e na imaginação do que na razão e na experiência sensível (às vezes *pej.* e com a idéia de que assenta em noções confusas): “O misticismo consiste em pretender conhecer de outro modo que não pela inteligência” (Goblot).

A partir dessa primeira definição, notamos que o sentido da palavra “misticismo” encontrado nos romances policiais estudados pode ser tanto o sentido psicológico quanto histórico. No sentido psicológico, há uma proximidade maior do conceito com a religião, já que ambos falam de uma relação direta com Deus. No entanto, a supremacia da imaginação sobre a razão, descrita no sentido histórico de misticismo, também se faz presente nos romances policiais contemporâneos tanto no percurso do criminoso – na razão para o crime, no modo de agir – quanto na busca do detetive.

No *Dicionário Básico de Filosofia* (JAPIASSÚ, 1989, p.169), encontramos uma definição de “misticismo” que o afasta ainda mais da racionalidade.

misticismo Crença na existência de uma realidade sobrenatural e misteriosa, acessível apenas a uma experiência privilegiada – o êxtase místico – uma intuição ou sentimento de união com o divino, o sobrenatural, o misterioso. Em certas doutrinas filosóficas, como o neoplatonismo de Plotino, a experiência mística possui um papel central como forma de acesso à realidade de natureza divina. Essas doutrinas são consideradas, por esse motivo, como irracionalistas. *Oposto* a intelectualismo, racionalismo.

Nessa segunda definição, fica ainda mais nítido o distanciamento que existe entre o “racionalismo” – característico dos detetives das narrativas policiais – e o “misticismo”, que motiva os criminosos a agirem nos romances policiais contemporâneos da temática em análise. Essa crença mantida pelo criminoso é usada para justificar o crime e a função do detetive é desmistificar essa justificativa através da racionalidade.

Enfim, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, o misticismo é a “1 inclinação para acreditar em forças e entes sobrenaturais 2 crença de que o ser humano pode comunicar-se com a divindade ou receber dela sinais ou mensagens 3 tendência para a vida contemplativa; ascetismo”.

A religião, por sua vez, é

um conjunto cultural suscetível de articular todo um sistema de crenças em Deus ou num sobrenatural e um código de gestos, de práticas e de celebrações rituais, e admitindo uma dissociação entre a “ordem natural” e a “ordem sacral” ou sobrenatural. **Toda religião acredita possuir a verdade sobre as questões fundamentais do homem**, mas apoiando-se sempre numa fé ou crença. [...] (JAPIASSÚ, 1989, p.213) (grifo nosso).

Essa crença religiosa de “possuir a verdade” se manifesta no discurso dos criminosos, nos romances policiais contemporâneos, que se veem no direito de eliminar da sociedade todas as pessoas que não compartilham essa verdade ou que podem comprometê-la com argumentos racionais, contrários aos da religião.

Dentro do período recortado por nosso *corpus* de pesquisa, o primeiro romance policial que apresentou a temática “misticismo e religiosidade” é o famoso *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, publicado em 1980. Esse romance policial ocupou o primeiro lugar na lista dos livros mais vendidos no Brasil em 1984 (CORTINA, 2006), e foi adaptado para o cinema no ano de 1986, o que contribuiu ainda mais para a divulgação do romance.

A história tem início com a visita de frei Guilherme William de Baskerville a um mosteiro medieval na Itália, convidado pelo abade Abbone para desvendar o mistério sobre a morte de um jovem estudioso, Adelmo de Otranto, até então classificado como suicídio. Assim como Auguste Dupin e Sherlock Holmes,¹ Guilherme de Baskerville é dotado de capacidades extraordinárias e é considerado, pelo abade, o único capaz de desvendar o mistério e encontrar o assassino.

Ao longo da investigação, Guilherme descobre que todo o conteúdo da biblioteca do mosteiro era precioso, secreto e, portanto, protegido pela Igreja cristã da Idade Média, que não consentia com sua divulgação. Com a morte de mais dois monges, a missão dele passa a ser encontrar não somente a identidade do assassino, mas também um livro proibido e envenenado, que vinha sendo lido pelas vítimas – como demonstrava a mancha preta nas mãos dos cadáveres. Na verdade, Umberto Eco faz uma paródia de sua própria obra, atribuída (no enredo) a Aristóteles, que não seria aceita pela Igreja por tratar de questões proibidas por ela.

Guilherme precisa encontrar o livro secreto para saber o que o assassino pretendia esconder, porém, o acesso à biblioteca do mosteiro é restrito e o abade Abbone quer que Guilherme descubra a verdade sem precisar entrar na biblioteca – a qual nem ele tem acesso. Nota-se, dessa forma, a proteção desse espaço pelos monges como forma de manter os fiéis ignorantes, preservando suas crenças na fé religiosa e desprezando a racionalidade dos fatos. Os religiosos temem os hereges e fazem uso da ciência (veneno) para preservar seu segredo, para ocultar a verdade em vez de iluminá-la.

Após o assassinato de quatro monges, Guilherme descobre que os crimes foram realizados a partir do veneno colocado por Jorge, o bibliotecário, no livro secreto de Aristóteles que descrevia o riso, o qual era considerado demoníaco pelos religiosos da época. Jorge assume suas ações alegando estar agindo em nome de Deus, uma vez que os cristãos deveriam ser poupados daquela verdade. A fim de manter esse posicionamento em relação ao livro,

¹ Sherlock Holmes é referido indiretamente pelo nome de Guilherme de Baskerville, que faz referência ao romance *O Cão dos Baskerville*, no qual Holmes é o protagonista.

Jorge come as páginas envenenadas e em seguida queima o que restou da obra quando Guilherme e Adso tentam pegá-la, ocasionando um grande incêndio na biblioteca. Os demais monges avistam o incêndio de longe, mas não conseguem chegar a tempo, permitindo que todo o acervo da biblioteca seja destruído e ainda faça várias vítimas, entre elas o criminoso.

Tudo o que ocorre na obra de Umberto Eco gira em torno da biblioteca da abadia, que detinha o maior tesouro da igreja cristã. Esse conhecimento não podia ser compartilhado e por isso aqueles que leram o livro proibido foram punidos com a morte. Dessa forma, o criminoso não precisou presenciar a morte de suas vítimas (morte higiênica). Por sua vez, para chegar à resolução do enigma, Guilherme partiu das causas da morte e, paralelamente, dos possíveis envolvidos com ela, que eram muitos. Ele desconfiou de envenenamento ao constatar que todas as vítimas tinham as pontas dos dedos e da língua pretas.

Nessa narrativa policial contemporânea, a motivação para os crimes é a manutenção de um segredo religioso, que desmistificaria a proibição do riso na Idade Média. Jorge é um velho monge que se vê no direito de preservar essa mentira para não corromper o comportamento dos cristãos. Embora queira negar o acesso dos demais à ciência e ao conhecimento, ele os detém e faz uso desses instrumentos para preservar seu segredo. A motivação de Jorge, porém, não é individual, mas sim atrelada a toda a doutrina religiosa vigente nesse período. Tanto é que no início do romance, quando Adelmo solicita a investigação de Guilherme, ele lhe pede que saiba preservar a identidade do assassino, caso seja necessário. Além disso, Jorge prefere morrer a permitir que outros cristãos tenham acesso ao livro sagrado de Aristóteles.

O romance *O código Da Vinci*, de Dan Brown, é conhecido em quase todo o mundo e consagrado como o livro mais vendido no ano de 2004. Nessa obra, a vítima, Jacques Saunière, era um dos quatro guardiões da sociedade secreta “Priorado de Sião”, que detinha um conhecimento sobre a vida particular de Jesus Cristo, ocultado pela Igreja Católica há anos. Jacques estudava, apreciava e conhecia a fundo a obra de Leonardo Da Vinci – que havia feito parte do Priorado – e foi assassinado dentro do Museu do Louvre, próximo a um dos quadros de Da Vinci. Com sua morte, o segredo protegido pelo Priorado de Sião seria enterrado, já que os outros três guardiões já estavam mortos.

Após o crime, a polícia francesa acusou Robert Langdon, um professor universitário amigo de Jacques, pelo assassinato, em virtude de um encontro registrado na agenda da vítima, na noite do crime, além de uma mensagem deixada por Jacques no local do crime, a qual dizia “P. S. Encontre Robert Langdon”.

Sophie Neveu, detetive profissional e neta da vítima, não acreditava que Langdon fosse o culpado e, por isso, ajudou-o a fugir da polícia, em troca de informações sobre o assassinato do avô, de quem ela estava afastada havia dez anos. Ao longo da investigação, eles estudaram outros mistérios relacionados à vítima e ao Priorado de Sião e a descoberta da identidade do criminoso surgiu como consequência das buscas que vinham sendo realizadas. Robert Langdon era um professor universitário e um pesquisador famoso por ter decifrado inúmeros símbolos antigos; Sophie Neveu, por sua vez, era criptógrafa da polícia francesa.

Enfim, Sophie e Langdon descobriram que ela pertencia à linhagem de Jesus Cristo e Maria Madalena, ou seja, era descendente de uma das poucas famílias merovíngias

sobreviventes, e que o Santo Graal ainda estava enterrado, como um tesouro. Embora Langdon e Sophie não sejam detetives profissionais, ao estilo de Auguste Dupin, são capazes de realizar a investigação, já que ela não tem apenas um cunho policial, de perseguição a um criminoso, porque requer a decifração de inúmeros símbolos que levam a uma verdade oculta.

O romance *Os crimes do mosaico*, de Giulio Leoni, assemelha-se em muitos aspectos ao antecessor *O código Da Vinci*. O grupo do qual as vítimas faziam parte é chamado de Terceiro Céu e a história se passa no ano 1300 (século XIII). O grande segredo do enredo é a descoberta de uma “nova babilônia” e dos mapas que levavam a ela. Dentre as vítimas, Ambrogio Giotto, o mosaicista mais famoso e competente de Florença, foi assassinado por Veniero Marin, porque queria retratar, em um de seus mosaicos, a nova terra descoberta pela Igreja, que deveria ser ocultada; Teofilo Sproviere, o boticário, morreu porque tinha os mapas que levavam à nova terra e conhecia o segredo de Veniero, que estava acompanhado da rica herdeira de um rei – a dançarina Antilia – com quem pretendia explorar a nova babilônia.

Dante Alighieri, poeta e prior de Florença, foi encarregado de encontrar o assassino para que a paz da cidade fosse recuperada. Quando descobriu o criminoso e a causa dos crimes, foi chantageado por Veniero: ele receberia os mapas que levavam à nova terra em troca de seu silêncio. Dante aceitou a proposta e o assassino fugiu da cidade com Antilia, porém um incêndio no navio em que fugiam – cuja causa é desconhecida – puniu os criminosos com a morte.

Com o desfecho desse romance, pode-se inferir que, para Dante Alighieri, a exploração da “nova babilônia” era mais importante do que a punição do assassino pela morte dos integrantes do grupo religioso Terceiro Céu. Embora a descoberta do criminoso tenha sido feita, ela não pode ser considerada uma forma de punição, já que Dante não revelou a verdade aos demais, tornando-se cúmplice do assassino, diferentemente do que ocorreu em *O código Da Vinci*, no qual a identidade criminosa do camerlengo foi revelada aos cardeais, fazendo com que ele perdesse a chance de tornar-se papa – o que representa uma punição, pois era esse seu objetivo.

O romance policial contemporâneo *O último templário*, de Raymond Khoury, tem como tema a disputa de poder e de ideologias entre a Igreja e a “Ordem dos Templários”, que tentava revelar um segredo protegido pela Igreja. A história tem início com o ataque de quatro homens, montados a cavalo, ao Museu Metropolitano de Arte, no qual eles atiraram aleatoriamente nos visitantes, deceparam um dos guardas e roubaram um codificador do século XVI, e outros objetos antigos, com o qual iriam decodificar um mapa que os levaria ao tesouro enterrado pelos Templários há milhares de anos.

Tess Chaykin, uma arqueóloga do instituto Manoukian, estava no local do crime quando este ocorreu. Ao ver as vestimentas dos cavaleiros, ouvir a frase “Veritas vos liberabit” pronunciada por um deles durante o ataque e pesquisar a utilidade do codificador, descobriu que se tratava de uma alusão aos cavaleiros Templários e se interessou pelo objeto, pelo mapa e, principalmente, pelo tesouro dos Templários. Ela lembrou-se de um professor universitário que era especialista nesses cavaleiros, Willian Vance, e deu início à investigação para saber quais tinham sido as causas daquele ataque.

Por fim, Tess Chaykin descobriu que Vance era o criminoso e o perseguiu até que ele encontrasse o tesouro templário. Com o desenlace da investigação, tornou-se mais importante descobrir qual era o tesouro enterrado, onde ele estava e o que ele revelava sobre a Igreja do que encontrar os culpados pelo crime. Quando isso ocorreu, porém, Vance derrubou o tesouro de um penhasco. Em seguida, se suicidou, já que toda a sua ação criminosa tinha perdido o sentido com a destruição de seu objeto valor.

Sendo assim, o tumulto causado pelos cavaleiros no Museu Metropolitano de Arte não tinha o propósito de assassinar as vítimas, mas sim de roubar o codificador e, com ele, ler um documento importante, que os levaria ao tesouro. As vítimas só foram mortas ou se feriram no tumulto porque estavam no museu naquele momento, não para serem punidos, uma vez que não tinham qualquer relação com os Templários ou com a Igreja.

Em *Anjos e demônios*, também de Dan Brown, um ex-padre e atual cientista famoso na Suíça, Leonardo Vettra, criou, junto com sua filha, a física Vitoria Vettra, uma substância denominada *antimatéria*, que poderia explicar a origem do universo. Embora pretendessem manter a descoberta em segredo, até que estivesse segura, Leonardo, buscando um conselho da religião acerca da utilidade da substância, contou ao Papa a verdade. Sentindo-se em dívida com a ciência por ter tido um filho gerado por inseminação artificial, Carlo Ventresca, o Papa mostrou-se disposto a financiar a pesquisa.

Carlo Ventresca era criado do Papa, mas não sabia que também era seu filho. Assim que soube do apoio que a Igreja daria à ciência, se revoltou e planejou uma missão para manter a antimatéria em segredo. Carlo assassinou primeiro o Papa e, logo em seguida, Leonardo Vettra. Roubou o tubo de antimatéria do laboratório de Vettra e depositou-o nos fundos do Vaticano, dando início à contagem regressiva de 24 horas para explosão. Alegando ser um líder dos *Illuminati* ele contratou um *Hassassin* para eliminar os quatro cardeais mais cotados para a sucessão papal, de forma que ele chegaria ao poder por ter salvado o Vaticano da explosão e por não ter concorrentes nessa eleição.

Robert Langdon, um pesquisador dos *Illuminati*, foi convocado ao CERN pelo diretor Maxiliam Kholer para ver o símbolo dos *Illuminati* gravado no peito da vítima. Junto com Vitoria Vettra, eles deram início à investigação. Max também realizava uma investigação paralela e conseguiu chegar ao camerlengo Carlo Ventresca, através de uma anotação no diário da vítima. Max foi a seu encontro com uma câmera escondida e gravou as confissões do camerlengo, porém ele foi assassinado por Carlo, tendo tempo, apenas, de entregar a fita a Robert, que chegou ao local do crime no momento exato.

Quando todos pensavam que Max tinha tentado assassinar o Camerlengo, Robert mostrou-lhe o vídeo, que invertia a situação. Carlo Ventresca foi recriminado por todos os cardeais, mas ainda tentou persuadi-los de que tinha agido corretamente, iniciando um discurso sobre os males da ciência e a ameaça que aquela descoberta traria à religião. Os cardeais não concordaram e um deles, Saverio Mortatti, contou ao camerlengo que ele era o filho do papa. Arrependido, o jovem besuntou seu corpo e o incendiou à vista de todos.

Nesses romances policiais contemporâneos que exploram a temática “misticismo e religiosidade” observamos que a busca da identidade do criminoso não é a investigação mais importante realizada pelo detetive. Tanto é verdade que os criminosos, mesmo após terem sido identificados, não são punidos por um destinador-julgador com a prisão ou assassinato. Uma provável explicação é o fato de o reconhecimento desses sujeitos como

assassinos já ser uma forma de punição, pois a partir do momento em que são reconhecidos como criminosos são excluídos da sociedade ou não recebem a recompensa esperada a partir dos crimes.

Nas obras analisadas, os sujeitos que realizam as investigações nem sempre são detetives profissionais, como é o caso de Vittoria Vettra, Robert Langdon, Tess Chaykin, Dante Alighieri, etc. Sendo assim, o objetivo principal da investigação nem sempre é a identidade do criminoso. Essa descoberta ocorre como consequência de outras buscas ou como meio para se chegar a um segredo religioso ou místico, a um tesouro, a uma terra desconhecida, etc. Nos romances policiais tradicionais a busca da identidade do criminoso é sempre o objetivo final da investigação e não um meio para se chegar a outro objetivo.

Conclusão

Nos romances policiais contemporâneos analisados neste trabalho, notamos algumas características semelhantes e recorrentes e que, ao mesmo tempo, os distingue dos romances policiais tradicionais. Entre elas, a que mais se destaca é a ação dos criminosos sob o pretexto de estarem agindo em nome de Deus. Mesmo que o assassinato não seja permitido pela religião, eles afirmam que a motivação para o crime supera a ação em si, portanto, seria justificável. Utilizaremos o romance policial *Anjos e demônios*, de Dan Brown, para concluir nossa análise por ser um modelo de narrativa que apresenta a temática em análise.

Esse romance policial apresenta uma disputa notável entre a ciência (razão) e a religião (espiritual). De um lado, há uma tentativa de manter a crença nos dogmas do cristianismo, entre os quais o de que Deus criou o mundo a partir do nada, preservado pela religião católica desde sempre. De outro, há uma busca científica (da Física) para explicar a origem do universo (teoria do Big Bang). A busca é representada por um dos maiores centros de pesquisa do mundo e é reforçada após a criação de uma substância nomeada “antimatéria”.

Ao longo da narrativa, há várias reflexões feitas pelas próprias personagens sobre a importância e o significado da religião, sejam elas relacionadas à existência de Deus, à fé no Universo, à possibilidade de conciliação entre o científico e o espiritual, ao poder da crença (que leva os sujeitos a defenderem fervorosamente uma doutrina), etc.

O título da obra, de certa forma, faz uma alusão a essa disputa entre a ciência e a religião, já que aos olhos da religião a ciência representa o demônio, enquanto católicos fanáticos, como Carlo Ventresca, o Camerlengo, são os anjos que lutam para manter as crenças e os dogmas da religião católica a qualquer custo. Para a ciência, alguns religiosos podem representar os demônios que impedem ou omitem os avanços científicos.

A obra de Dan Brown, *Anjos e Demônios*, é um dos romances policiais de nosso *corpus* de pesquisa que rompe com o padrão tradicional de romance policial, criado por Edgar Allan Poe no século XIX. Embora mantenha a estrutura básica de um romance policial, composta por um crime e uma investigação decorrente dele, em busca de um criminoso, o foco dessa narrativa é a procura de uma verdade escondida pela Igreja.

Quem realiza as investigações não é a polícia porque o objetivo não é encontrar o criminoso e prendê-lo, mas sim entender por que aquele crime foi cometido e o que isso

acarreta para a sociedade. Dessa forma, os “detetives” são pessoas interessadas nesses segredos religiosos ou místicos, que também acreditam em determinadas crenças.

Nos romances policiais de cunho místico e religioso, as causas do crime são mais importantes do que a identidade do criminoso, portanto encontrar o assassino significa encontrar mais uma pista que leve à causa do crime.

Tanto em *Anjos e demônios* quanto em *O nome da Rosa* há um ideal de restrição do conhecimento e do acesso à ciência a poucos, ou seja, é preferível manter os fiéis, os religiosos, ignorantes dos avanços científicos. Comparando os dois romances, é interessante notar que na obra de Umberto Eco o importante era proibir o riso e por isso o assassino quis impedir que as pessoas lessem a obra de Aristóteles, que permitia o riso e não o atrelava ao demônio. Já na obra de Dan Brown, o assassino quer manter em segredo os avanços científicos para que estes não desmoronem a teoria da criação do universo, proposta como crença pela Igreja católica.

Outro ponto em comum entre essas duas obras é o suicídio do assassino em nome de sua luta, ou seja, provando que agiu em nome de Deus, o criminoso se mata – nos dois casos, incendiado – quando descobre que suas ações foram em vão, como se sua vida de criminoso também tivesse perdido o sentido.

Quando o detetive é acionado, há uma preocupação de seu destinador-manipulador para que oculte a identidade do criminoso, se necessário, em nome dos preceitos religiosos, ou seja, a fim de manter a aparência, o *status* religioso. Também por esse motivo, a polícia nem sempre é envolvida na investigação, a fim de não gerar alarde e não movimentar a imprensa. Quando a investigação é concluída, porém, fica a critério do detetive decidir se revela, ou não, a verdade.

Enfim, a principal inovação apresentada pelos romances policiais da temática “misticismo e religiosidade” que transgridem as regras do gênero policial é a inserção do misticismo à tríade “vítima, criminoso e detetive”, ganhando tanta importância no enredo quanto um desses personagens. Em muitos casos, o segredo místico ou religioso é o próprio crime e o criminoso não é apenas aquele que assassina suas vítimas, mas também aqueles que contribuem para a manutenção desse segredo, deixando a sociedade crente na ignorância. Ao que parece, se a narrativa policial tradicional não pudesse ser classificada como tal, caso esses três elementos (vítima, criminoso e detetive) não estivessem diretamente relacionados, a narrativa policial contemporânea mística e religiosa não existiria sem a presença do misticismo ou da religião disputando adeptos com a ciência e a racionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.

BROWN, Dan. *O código Da Vinci*. Tradução de Celina Cavalcante Falck-Cook. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. *Anjos e demônios*. Tradução de Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

- CORTINA, Arnaldo. *Leitor contemporâneo: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004*. 2006. 252 f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- CUVILLIER, Armand-Joseph. *Pequeno vocabulário da língua filosófica*. Tradução e adaptação de Lólio Lourenço de Oliveira e J. B. Damasco Penna. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1969. 209 p.
- ECO, Umberto. *O nome da Rosa*. Tradução de Aurora Bernardini e Homero de Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- FIORIN, José Luiz. Sobre a tipologia dos discursos. *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, n. 8/9, p. 91-98, out. 1990.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. 265 p.
- KHOURY, Raymond. *O último templário*. Tradução de Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2006.
- LEONI, Giulio. *Os crimes do mosaico*. Tradução de Gian Bruno Grosso. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- MASSI, Fernanda. *A configuração dos romances policiais mais vendidos no Brasil de 2000 a 2009: canônica ou inovadora?* 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- POE, Edgar Allan. *Histórias de crime e mistério*. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Ática, 2000.